

Redacção, Administração e Propriedária CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA —Telf. 5 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales do Correio para CETE

AVENÇA

Gaiato

Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—192
Preço 1\$00

Vai uma Noiva com cem escudos, para que eu possa também ter a minha casa. Que linda prece! Como nós todos a compreendemos! Nem ela seria jamais uma noiva se não tivesse no seu peito esta santa e nobre devoção:—*A minha casa*. Os passarinhos do céu têm os seus ninhos e os lobos o seu covil—verdades eternas. Um casal que vai para Luanda deixa cinquenta escudos. Mais 4 contos. Vai aqui uma anónima com uma telha na mão, 20\$. E um senhor do Rio de Janeiro leva algumas delas, com cruzeiros. Ele diz que *linda procissão quando todos os portugueses de todos os quadrantes do Universo quiserem formar*. Eu cá digo na mesma. Ele é o assinante 15.660. Mais cem do Por-

AGORA

to. Mais cem de Ermezinde. Mais cinquenta da Foz do Douro. Mais outro tanto do Porto. Mais um visitante de Braga com trezentos escudos. Mais outro visitante de Braga com 500 deles. Mais 4 *irmãozitos com um vidro para a janela*. Se eles forem da raça dos nossos, certo é que o vidro não chega ao fim... Mais 20\$ do Porto. *A senhora dos pobres*, como o Licínio lhe chama, continua a fazer compras e a mandar para aqui. São lembranças. Por serem para Indigentes, nós temos de vestir as casas do indispensável. Assim, os nossos carpinteiritos estão fazendo arcaç, bancos, armários, game-las, saleiros, mancebos para a candeia e camas. Para estas, mandam-se vir colchões de Avanca e as roupas hão-de vir do teu bragal. Para responder à carta de ninguém, eu digo que 1.000\$00 chegam para mobilar uma casa de dois aposentos e o dobro, uma de quatro. Eis aqui a dita carta:

Ai vai a última prestação para pagamento da 1.ª casa, pois espero pagar mais duas.

Agora vou tratar do bragal desta primeira casa; quanto ao mobiliário e louças, espero que diga o seu custo no «Gaiato».

Isto não é caridade—amor do próximo ou de Deus—, mas apenas um pequenino e imperfeito acto de justiça, repartindo com os que nada têm uma parte daquilo que deveria sobrar-me.

Só pratica a caridade quem dá aquilo de que precisa.

Ninguém

Tais afirmações proferidas e praticadas por uma pessoa, dão-nos a certeza da existência e da presença de Deus. Dou-me por muito feliz que este nosso jornal mereça ser o instrumento vivo de uma tão preciosa difusão. E já agora queiram ler mais esta carta, que é uma revelação viva do Eterno.

Este cobertor é para um pobrezinho das casas novas. Para o não usar tenho-me servido, há um certo tempo, de outros já cosados mas agora, a obrigação que sinto de ajudar, como puder, a agasalhar os nossos irmãos que nada têm, vence qualquer outro cuidado.

Com uma outra clareza estou a compreender que não é só para os nossos filhos que devemos juntar mas também para os nossos irmãos pobres. Nós temos de lhes dar, a esses irmãos, não o crêsi-

mo mas, todos os dias, uma parte do que distribuimos para nós, também todos os dias. Como temos entendido mal as palavras da Igreja! Que noção é a 'nossa, esta que cada um tem, que cada um faz do seu dever? Que torta noção é esta que não nos deixa ver, escondido nesse dever, o nosso querido comodismo e egoismo? Qual a relação entre o nosso proceder e as ideias de eternidade com que adormecemos na nossa fé? De Coimbra e Lisboa os relatórios são também palpáveis: nós temos de ouvir assim a verdade às claras, realidade escancarada para sentirmos vergonha e remediá-la.

«Remorso pungente» diz alguém num pedaço de carta transcrita. Esse grito, contido em muitas almas, tem de ressoar. Por isso, eu que sei das falhas do meu lar e de mais que conheço, exclamo, não—dou largas a esse grito repetindo palavras também de outra: «não nos abandone, oh não nos abandone Pai Américo, porque Deus actua pelas suas mãos!»

Guardem este jornal, coleccionem este número. Leiam muitas vezes estas duas cartas.

Esteve aqui um sacerdote e deixou cem escudos. Esteve alguém e deixou duas moedas de oiro.

Um vendedor apresenta cem escudos da senhora a casa de quem vai comer. Metade desta quantia vai nas mãos de um anónimo. O assinante 1481 de Lisboa chama secção do Agora a este movimento das casas de pobres e leva quinhentos escudos. *Para as telhazitas duma casa*, vai um vicentino da faculdade de medicina de Lisboa com cem escudos. Mais 100 do Porto. Mais cem de algures. O assinante 5779 vai com setenta escudos. Um do Rio de Janeiro vai com duzentos e trinta. Parde-lhas leva 100. A Maria Helena do Monte Estoril vai com uma telha de vinte. Uma sem nome deu cem. Outra deu 20. Uma *nova fehs* dá cem. Um leitor do Porto manda cinquenta. A Maria José de Estarreja leva uma telha de cinquenta escudos. S. Bráz de Alportel vem lá do Algarve com uma pedra de 25\$00. Ao pé vai uma da Sr.ª da Hora com trinta. Barcelos leva cem. Beja vai com 150 deles. Uma mãe aflita desgostosa, de Coimbra, também aqui vai. O assinante número 9976 vai com cinquenta escudos para alguns quilos de pregos. É o primeiro com pregos.

Campanha dos cinquenta mil

Calma. Paciência. Não desanimem pela demora do jornal, e alegrem-se mas é. Avelino, tem na sua mesa de trabalho um grande monte de listas para despachar. Avelino não se entusiasma nem quer andar depressa. Avelino é muito seguro. Fiquem pois certos os novos assinantes de que na devida altura, o carteiro entregará.

Nós podíamos meter mais pessoal mas Avelino não quer. Ele tem por ajudantes o Júlio II e o Manuel Pinto e não quer lá mais ninguém. Diz ele que vale mais a qualidade do que a quantidade. Os senhores tenham paciência, e alegrem-se mas é.

O que muito me espanta é ver a inquietação de tantos milhares de pessoas a quem parece não faltar nada e afinal, falta-lhes tudo. Nota-se isto mesmo que digo na maneira como pedem e esperam o jornal. Publicam-se tantos deles de manhã e à tarde, que se vendem por toda a parte, mas são feitos de papel. Não satisfazem. As almas querem algo mais. A nossa vocação divina pode-se entreter, mas não se alimenta das coisas do mundo. Nós somos celestes. Gosto de me encher e gosto de transmitir aos outros estas verdades eternas. Nós somos na verdade a espectação. Nós vivemos na verdade de uma esperança. Podemos não sentir nem dar fé do que é a quem procuramos; mas procuramos, com gemidos. Nós somos celestes. Nós somos do Pai Celeste. Ora aqui está porque a Europa, Ásia, África, América e Oceania, apertam com o Avelino para este lhes mandar o jornal. Não é por mais nada. Nem são as notícias do mundo que os interessam, conquanto pareçam procurá-las; são antes as do céu. São as notícias do Eterno. Nós somos celestes.

Também vai um médico de Ponta Delgada. *A alegria que eu sinto ao regressar ao meu lar*. Assim fala um funcionário com cem escudos. E finalmente uma duzia de contos. Eu dizia no último jornal que nós precisamos de mil e duzentos contos e havemos de os receber aos nadinhas, que ninguém duvide. Isto tinha eu dito. E alguém, julgo que do Porto, foi ao jornal cortou esta notícia e acrescentou por baixo em letra pobre e modesta. *Como não duvido aqui vão dose contos para uma delas*. Este papelinho mai-las doze notas apareceu no Espelho da Moda. Temos, assim, mais uma casa. Tem muita graça que estando sete delas já erguidas, estão sete delas já pagas. Desta sorte e segundo uma conta muito certa que escapa, naturalmente, às contas do mundo, são as casas que fazem e pagam as casas. Ao Homem ou Mulher que entregou a duzia, baste-lhe a sua alegria.

Ficamos em 92.670\$00

Uma Inauguração

Como os Diários relataram, teve lugar em Penafiel, no dia 24 de Junho, a inauguração de um bloco de seis casas, das 20 a construir, destinadas aos pobres da freguesia. Dois dias depois, dirigime ao local. Entrei em cada uma delas. Todas formosas. Tudo no seu lugar. Uma velhinha muito lavada e muito simpática que tinha o seu marido à porta, estava dentro, no seu quarto, deitada por cima da roupa. Levanta-se e fica sentada no enxergão. Eram quatro horas da tarde. O sol inundava. Ela podia ter visto em mim um intruso, mas não. Alegra-se com a visita e dá-me um recado que é uma mensagem do céu. Eu pelo menos assim o tomei: Deus abençoe na terra todos quantos nos ajudam a morar em casinhas assim.

Isto é uma canonização cheia de glória invisível. Aquela nobre mulher, vergada e consumida, é oráculo; as suas palavras são de Deus. São como se Ele falasse e dissesse: *Eu abençoei aquelas que na terra ajudam os pobres a viver em casinhas assim! Padre Alcino, meu irmão em Cristo, encha-se de coragem e encorage os vicentinos da sua freguesia. Abra já os alicerces para mais um grupo de seis casas. A sua devoção pelo Pobre põe-lhe o dinheiro à porta.*

DOCTRINA

Aqui há tempos, um dos grandes da terra aonde temos esta formosa casa, ao falar com outros, da minha ilustre pessoa, disse: *ou ele tem o diabo no corpo ou há ali um grande mistério*. Aquele sujeito e os mais com quem ele falava, explicavam desta maneira o fluxo e refluxo da nossa obra. A simpatia da Nação, o interesse dos governantes, o amor dos estranhos, o sacrifício do povo. O sucesso. A aceitação. O bom despacho. A nomeação. O escândalo. De tudo isto me culpam. Só a mim me vêm. Por isso—*ele tem o diabo no corpo*. Sendo eu igual aos outros, sem mandado nem poder que me distingua, eu sou o mistério no meio dos mais sacerdotes. *Ou ele tem o diabo no corpo, ou aquilo é um mistério*. Ora eu tenho pena.

Dá-me vontade de chorar por não haver ou serem muito poucos os que sabem pôr as mãos e agradecer ao Pai Celeste. Na verdade, ontem como hoje, Deus vive no meio do seu povo, manifesta-se por muitas maneiras e as suas Obras são por natureza intangíveis.

Um dia, naquele tempo, levantou-se grande celeuma no povo da Terra Santa, por causa de uma revolução social que ali se estava produzindo, em virtude da palavra e da acção de um Homem que ensinava. Os doutores e os juizes reuniram-se. Urgia acabar com aquele estado de coisas. O Homem dizia inconveniências. E discutiram e discutiram e discutiram. Foi então que um dos doutores se levanta. Vem ao meio dos seus colegas, impõe silêncio e diz: *se a obra é de Deus não vale a pena discutir; ela permanece. Se a obra é dum homem, não vale a pena discutir; ela cai por si mesmo*. E foram-se todos para as suas casas. Eis.

Tribuna de Coimbra

E o grão da mostarda vai crescendo...
Os vicentinos de todo Portugal reuniram-se nos dias 16 e 17 em Fátima, junto do trono que a Mãe da Caridade escolheu na nossa Terra. Ali procuramos ligar todas as nossas almas à chama ateadada por Frederico Ozannam: o Amor aos irmãos Pobres.

Hoje, mais que nunca, sentimos o estandarte com as palavras gravadas que o Mestre nos deixou: *amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*. E Ele amou-nos até à morte. Aqui está a medida. Aquele que o não segue, não é digno d'Ele.

Importa que a Igreja tenha o que teve nos séculos de maior esplendor, ter na sua mão as Obras de Misericórdia. E é por isso que a Obra da Rua é da Igreja; e é por isso que as Conferências de S. Vicente de Paulo, ainda que leigas, são da Igreja. E só unidos a Ela se pode fazer Caridade; de contrário, muitas coisas que nós por aí vemos a que chamam obras de caridade não são, muitas vezes, mais do que filantropia ou sombras que se esvoam no ar. A Igreja é Mãe. Com Ela há Caridade, pois que nos dá Deus e Deus é Caridade.

Um dos pontos focados na reunião geral dos vicentinos foi o das Casas para Pobres. *Fazer casas para pobres, como faz o Pai Américo*, foi dito lá bem alto e logo se ouviu um estrondo de palmas. É pena que este assunto em que se tocou nesta reunião, não fosse tema de estudo para um futuro congresso vicentino. Talvez aproveitássemos todos. Pensemos todos nisso. O Pai Américo deu o sinal de alarme e alarmou já muitas almas e é necessário que alarme a todos, sobretudo os vicentinos; mas não basta que fiquem todos alarmados, é necessário que lancemos mãos à Obra. Que aquele grito dado um dia de Paço de Sousa e agora repetido em Fátima, atormente continuamente os filhos do Amor de Deus: *Casas para Pobres; Casas para Pobres; Casas para Pobres*.

PADRE HORÁCIO

CONTRASTES

Como não podia deixar de ser; a imagem do tugúrio e da casa tem acordado muita gente e muitos não-de necessariamente afligir-se, nomeadamente os sacerdotes de boa fé e de boa vontade. Alguns, infelizmente, vêm na minha ausência, mas ontem foi um dia em cheio. Eram padres da diocese de Lamego. Eles foram ver as casas já feitas e alegraram-se. Eles perguntaram e tornaram a perguntar. Eles saíram de cá com nobres e santas resoluções. Eles querem surribar. Fazem hoje muita falta padres surribaros.

Um destes disse-me que o seu prelado o tinha mandado para uma freguesia difícil e dividida. Que ele não poderia nunca ser o pastor dum rebanho desentendido. Que fez ele? Muito simples; começou pelos pobres. Não quis saber de questões deu-se aos pobres e a freguesia uniu-se. Pronto. Muito simples.

Eu cá estou determinado a salpicar o mundo de casas pequeninas e bem feitas. São estrelas. Quero fazer da terra um firmamento do céu. Estou determinado. O mundo tem de se virar para aqui, fazer disto o seu mirante, convergir forças, encher-se de convicções e trabalhar. A preguiça é a morte. O pobre não exige. O pobre aceita e contenta-se com aquilo que lhe é dado. Dentro de cada um de nós também existe o igual contentamento de dar a ele Pobre, aquilo que lhe pertence. Existe sim senhor. Felizes os que experimentam em si esta verdade eterna.



DANTES. *O sítio impróprio aonde o Redentor nasceu, foi um caso de emergência. Seus pais procuraram. Bateram. Como nada se abrisse e ninguém aparecesse, tomou-se, então, um abrigo qualquer.*

Só por emergência nos ficará bem, deixar que os nossos tomem por habitação um abrigo qualquer. Porém, fazer disso a permanência, — não. Não senhor. É feio. Dizem mal de nós. Os pobres vivem tristes. O povo, descontente. As maiorias exploram o caso... Ninguém lucra com a presença da Barraca. Abaixo com elas!

Outra coisa. Eu estou determinado em dar um sentido vicentino a esta revolução das casas para pobres e com isto não faço mais nada do que ser o porta-voz destes meus filhos que comem comigo à mesa. São eles: os do Tugal, os de Miranda, os de Coimbra; os de todas as nossas casas. Com uma só voz e único sentimento, querem erguer casas para os pobres que visitam. Eu sou uma voz. Eles é que são a força.

Aos padres da diocese de Lamego e outros de outras dioceses,

que porventura queiram enfileirar; a todos eu digo o mesmo. Espírito vicentino. Fora com a rotina. Vão buscar os novos. Foi por novos que a vida vicentina começou. A mocidade tem muito que dar. Os novos são capazes de construir casas, preventórios, hospitais, — tudo.



AGORA. *No cunhal de cada uma das nossas casas, lê-se, em letra feita e lavrada pelo pedreiro Património dos Pobres.*

É a marca a fogo! Podia ser uma placa, mas não. Não senhor. É na carne. É no corpo da casa. É indelével. Ninguém desvie.

Excursões

COM grande alegria nossa, continuam a chegar camionetes com crianças de escolas primárias dos dois sexos e de vários concelhos. É uma alegria. Elas invadem o campo da bola e estendem-se pela mata, onde comem seus merendeiros. Os professores mostram e explicam. São dias que jamais se esquecem. Ontem, que foi dia dum excursão de quatro camionetes, fui dar com um grupo em conversa animada; eram deles e eram dos nossos, nada menos que uma sabatina. Não estavam professores, mas eu mandei-os chamar imediatamente para serem testemunhas da curiosa iniciativa. Foi o Tangerina. O Tangerina começou, estava perguntando quando eu cheguei e continuou a fazê-lo depois dos professores terem chegado.

Então escolheram os seus ases que também por sua vez, chumbavam Tangerina e outros dos nossos. Foi um delírio. Eu cá verifiquei com muita pena, que não teria respondido a nenhuma daquelas perguntas, se porventura mas tivessem feito! Eu tenho andado iludido a cuidar que sabia alguma coisa...

As escolas de Pevidém apresentaram-se em quatro veículos com os seus professores, alguns visitantes e também um sacerdote, coadjutor daquela freguesia. Ora isto, por si, é muito, mas ele há muito mais. É que os professores, de véspera, foram pelas gerências das fábricas de Pevidém, a quem pediram tecidos, tendo sido generosamente escutados. Anda aqui muita alegria que passou por muitas mãos; as mãos dos gerentes. As mãos dos professores. As minhas mãos que tocaram e os meus olhos que viram as peças e finalmente os dias festivos de quem vestir a roupa feita. Anda aqui muita alegria.

Cada oferta é um acto sério. Que tivessem dado retalhos e nós ficaríamos muito contentes; nós somos de migalhas. Mas não. Peças. Peças de tudo e do melhor. Deus faça bem a quem faz bem.

BARREDO

Como quer que tivesse recebido de algures um pedido de alguém, eu fui satisfazer; era para dar uma quantia de dinheiro à que tinha saído da *Maternidade*. Maternidade! Quem me dera que elas fossem mais, com muitas camas feitas e a porta aberta a toda a hora! Tudo quanto se faça é pouco, tal é ou deve ser a alegria dos homens ao verem mais um homem a nascer! Este é uma coisinha de nada; eu vi-o dentro dum caixote, envolvido em pobres panos. A mãe não estava; tinha ido às injeções...! Eu deixei ficar o dinheiro nas mãos de quem ali estava. Confio.

Desta vez, Avelino foi o meu companheiro; ele nunca tinha ido. Sai de casa de véspera e fiquei no Lar do Porto; estão ali trinta homens que precisam dum sinalheiro. Quantos caminhos naquelas idades! Por qual seguir? Eis o problema. Pois eu fui lá ficar, tendo combinado com Avelino o encontro do dia seguinte, no café Imperial. Ele, foi um grande copo de café com leite e sua torrada; eu, foi uma chícara da mesma coisa com uma bucha de pão. Quando fomos a pagar, estava tudo pago! É quase sempre assim. Por vezes um ou outro rapaz do Lar, mais lambareiro, pede-me para irmos almoçar fora. Amadeu Elvas é herdeiro e vezeiro. Eu costumo dizer que não e ponho o caso da pobreza; se temos em casa comida, para que pagá-la fora? Mas o Elvas não. O Elvas não faz as contas assim. A seguir ao seu pedido, vai logo mudar de roupa e pentear o cabelo e engraxar os sapatos. *Deixe-se de escrúpulos que está tudo pago!* E eu vou e vão outros, e vamos todos e está tudo pago! Foi assim no café Imperial. Eram dez horas quando começamos a descer a Escarpa. Avelino ia calado. Avelino é um rapaz silencioso. Não escreve. Não fala. Que terá ele escondido no peito?! Ao sairmos da primeira casa, Avelino quis saber que doença era aquela. Eu disse. No Barredo há só uma doença... Dali fomos a outra casa e a outra casa e a outra casa. Avelino olhava em redor. O pai dele foi assim! 95% dos pais, destes meus filhos foram assim!! E daqui nasce o meu esforço de super alimentar.

Dos leitos de aonde estavam, os doentes pedem que os ajude a ingressar no sanatório; e contam a história dos papeis que já meteram e dos meses que já passaram e das esperanças que vão perdendo e da morte que vem lá... Avelino, ao pé de mim, sem nada dizer, ouvia e guardava; o pai dele foi assim!...

Passava das onze. Estávamos na Ribeira. Viam-se dois formosos barcos encostadinhos a Gaia.

Eu comecei por falar daqueles dois e de outros vapores que sempre ali encontro. Saltei, depois, à exportação dos nossos vinhos. Avelino parece não ouvir nada do que lhe estava dizendo. Mudei de conversa. Agora eram os barcos de Avintes, barcos rabelos, caíques. Avelino continuava na mesma; nada disto o interessava. *Tantos doentes que nós hoje vivimos*. O Avelino trazia o coração cheio de doentes. O pai dele foi assim!...

Deixamos o rio má-la gente ribeirinha. Subimos S. João. Avelino quis parar. Quis parar e quis dizer—tantos doentes que nós hoje

(Continua na 4.ª página)

ISTO É A CASA DO GAIATO

Era na hora de jantar. As janelas da casa aonde a gente come, dizem para um jardim e de onde eu estava via alguns ajudantes de cozinha atrás não sei de quê, a fazer grande algazarra. Daí a nada, noto que os próprios cozinheiros andavam também no barulho. Dentro, no refeitório, começava a excitação. Bernardino, que é o meu refeiteiro, coloca uma travessa de comida sobre a mesa e desanda pela porta fora; as fitas do seu avental voavam e ele também. Eu fiquei mal contente. Nem era coisa que se fizesse o senhor director da casa. Acho deslante. Ocupado com este pensamento, eis que Bernardino, agora no jardim, vem à janela e berra-me: *é uma grande cobra*. Bernardino não quis saber mais da travessa da comida, tão pouco me perguntou se eu já me tinha servido. Tudo isto é para ele, Bernardino, uma vulgaridade. É o trivial. É de todos os dias. Mas a cobra não. Uma cobra no jardim à hora em que todos comem é coisa rara. São ocasiões aliciantes. Bernardino estava no seu lugar.

Mas as coisas não ficam por aqui. A cobra foi o prato do dia. O Constantino, seguido de todos os seus ajudantes e de todos os refeiteiros e também o meu, entra pela porta dentro com um grande pau na mão, na ponta do qual tinha prendido a cabeça do réptil, que se enrolava no dito. Foi uma hora cheia. Foi uma hora rara. Em qualquer outra casa que não a nossa, isto seria impossível. Não haveria a cobra no jardim e se houvesse a cobra não haveria licença de a ir buscar. Porém, nós somos às avessas. Com este episódio que hoje aqui se relata e até por causa dele, nós somos detentores de uma definição que das nossas casas deu, uma comissão de estudo. Andou a dita comissão entre nós, um ror de tempo. Meteu o nariz em todos os cantos. Quis saber tudo. Eram estrangeiros. Na hora da despedida e num fervoroso aperto de mão, ouvi dizer: *uma desordem organizada*.

De onde eu estava via o Presidente a comandar uma data de rapazes ocupados no transporte de lenha. Eles chegaram da mata, colocavam as cargas no chão, esperando uns pelos outros, faziam bicha e voltavam assim à mata por mais lenha. Foi nesta altura e nestas condições que eu ouvi a sentença do Presidente: *o derradeiro a chegar com lenha apanha*. Alto disse eu; aqui anda erro. Deixei-me estar no mesmo sítio à espera que os pequenos regressassem da mata. Eu ia ver qual deles apanhava, pois que alguém havia de ser o derradeiro. Ai vêm eles em bicha. Presidente dirige-se para o da cauda. Eu redobro a atenção. Ouvi a sentença: *desta vez escapam mas pra outra comes*. Está bem; bate certo. O Presidente quer que os seus rapazes andem depressinha. Viva ele.

Nós tínhamos um rapaz empregado numa fábrica, e um dia o seu superior deu-lhe uma rabeçada. Em vez de a escutar com humildade o rapaz ameaça: *olhe que eu vou acusá-lo ao Pai Américo*. O seu superior não esperava por tal. Não conhece a nossa vida familiar e por isso fez o que um qualquer faria. *Pois então vais já*. E despediu o rapaz. Esta primeira parte está exacta; não há nada que dizer do patrão nem do súbdito. Vamos agora à segunda parte. O chefe do Lar, um rapaz de vinte anos, foi imediatamente ter com o superior. Explicou o nosso sistema. Esteve mais de uma hora a conversar, como a depois me contou. Resultado. O superior mandou que o rapaz se

apresentasse. Esta segunda parte também está exacta. Vamos agora à terceira. O rapaz não se apresentou. Foi mandado rapar e está aqui em Paço de Sousa a trabalhar. Há-de ir outro. Não-de ir mais para aquela fábrica apenas façam exame. Com este exemplo vão eles assim melhor informados e ficam sabendo que dentro das fábricas e em serviço, quem manda são os seus superiores e que o Pai Américo não conta.

Cheguei ontem ao Lar do Porto na maré em que seis vendedores estavam à roda de uma mesa a prestar contas. Carlos, que é o chefe, com o livro à sua frente, contava e assentava. À primeira vista via-se ali a ordem, mas quem reparasse, dava logo com a desordem. Sobre a mesa e no barulho dos rapazes, encontrava-se uma pintinha da nossa desordem; um coelho. Sim senhor; um coelho dos que infestam o Lar. Com medo, retirei de ao pé do roedor um tinteiro, e Carlos disse que não. *Não tenha medo. Não há azar*. E o tinteiro ficou.

Dali fomos para a ceia. O Prata teve à sua beira e durante a refeição uma das pombas do Chico. Norberto tinha acabado de me mostrar uma nova lura com dez coelhos lá dentro e conta-me de como o pai e a mãe os tratam. Norberto quer também que eu veja um carneirinho que nos tinham oferecido; e salta e berra e ri de contente. Mais desordem; a nossa desordem.

Chico, também concorre para ela. Chico, que tem recebido cartas e prendas por via das suas pombas, quer que eu lhe dê dez escudos que lhe mandaram de Lisboa para o milho das suas pombas. Ora eu é que estou comprando o milho para as pombas e digo-lhe que não. O rapaz, faz-me festas na cara e diz-me falas doces, tudo a ver se me acaça o dinheiro, mas parece-me bem que não.

A ordem de Paço de Sousa, não é mais ordenada do que esta do Lar do Porto. Chegaram dois cachorros da Serra, e ninguém pergunte nem queira saber o que tem sido aqui... Como quer que corresse voz de que uma porca ia ter filhos, os rapazes acodem em bicha a saberem se já. Os da turma do campo fazem gaiolas de ripas, que colocam nos estábulos, com passarinhos dentro. O Tiroliro também os tem na loja de sapateiro. Eu estou velho. Eu estou cansado. Eu já não posso ter mão. Mas há melhor. O Hélio chegou ontem da venda, entra no meu escritório, rapa de uma saca de onde tira um grande coelho branco de olhos azuis. Conta a história: levou cinco grilos à senhora D. E'lia que mora na rua de S. António e que, segundo ele informa muito sua amiga. *Ela é muito minha amiga*. Levou-lhe cinco grilos digo, e ela manda um coelho. E eu já sei que o coelho, em si, pacífico, vai trazer grandes sarilhos por via dos carpinteiros que não dão madeira nem pregos para fazer a casota e dos da horta que não querem dar couves e dos das vacas que não querem dar erva e mais e mais e mais. Bem pudera a senhora D. E'lia da rua de S. António ter ficado com os cinco grilos e retribuir amizade sômente. Teria sido melhor para mim.

Manel Risonho, chegado de Braga, trás recado da *senhora das camionetes* para eu rezar muito por ela. O rapaz insiste. *Não se esqueça. Reze. Ela anda metida numa sarilhada*. Esta senhora das camionetes, ao que se me afigura, é a proprietária

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Na passada 2.ª feira foram inauguradas as novas pocilgas para os nossos porcos. Esteve presente o Sr. Padre Américo e quase toda a malta. As pocilgas ficam onde eram as antigas escolas e estão muito bonitas. Quando os porcos entraram para lá, até pareciam que se estavam a rir, tal o seu contentamento, por se encontrarem numa casa tão bem azeitada e limpa.

Nós os do escritório, temos andado muito contentes com as proporções que está tomando a Campanha de Assinaturas. Todos os dias o Ave-lino nos deixa ver as que vêm. E nós muito contentes ficamos por termos que cada vez está crescendo o número dos que nos querem conhecer. O Sr. P.º Américo também anda muito contente, principalmente as que trazem as croas à frente. Portanto, caros leitores, um abraço dos escriturários e vamos para a frente. Os 50.000 ainda vêm longe...

FERNANDO MARQUES

S. JOÃO DA MADEIRA Levamos a efeito no pretérito dia três, uma reunião para tratar dos assuntos e problemas referentes à nossa conferência. Desde há muito se sentia a necessidade de fundar uma conferência neste Lar, não só para socorrer alguns dos muitos pobres que por cá habitam, mas também para mostrarmos que somos alguém, e que o havemos de ser. Nesta reunião tratou-se da Mesa Administrativa que ficou assim constituída:

Presidente, José Maria Saraiva; Vice-Presidente, Manuel Figueiredo; Secretário, Carlos Inácio; Tesoureiro, António de Oliveira.

Esta é a futura Mesa da nossa Conferência. Leram-se algumas notas explicativas num livro apropriado para estas sessões, estas tiveram pouca utilidade, porque parte dos nossos rapazes já eram vicentinos noutras casas. Passamos a auxiliar materialmente os pobres e vejamos que são de facto pobres, mas pobreza involuntária e impossibilidade de trabalhar. Para começar auxiliaremos três ou quatro dos nossos irmãos. Agora com respeito a subscritores temos por enquanto seis que dão uma quantia razoável por mês. Agora fazemos para que a Conferência progrida, marche, a angariar bastantes subscritores. Desde já pedimos aos nossos leitores e benfeitores de S. João da Madeira que se quiserem inscrever, para nos escreverem um simples postal, à nossa casa, ou então, uma chamada para o 344. Desde já era favor, *porque quem dá aos pobres empresta a Deus*. Ora quem empresta a Deus não pode, nem há-de evidentemente desistir desse acto de fé, porque no fim da vida Ele nos há-de dar a compensação. Também para darmos início à nossa Conferência, a do Lar do Porto enviou por intermédio do Pai Américo 100\$00, mais 100\$00 da de Paço de Sousa, a mesma quantia oferecida pelo Pai Américo. A senhora D. Amancia também deu 50\$00. Quere-se dizer, entramos numa hora brilhante e elucidativa para fundarmos a nossa futura e esperançosa conferência.

Atenção, Senhores leitores de S. João da Madeira, já temos um telefone, a nossa maior ambição. Esta notícia é muito agradável, entre todas. Devemos muito ao Senhor Carvalho, chefe dos Correios. Foi ele que se encarregou de arranjar quase tudo, para se proceder à montagem do telefone. Caros leitores, o telefone tem o número 344. Este telefone foi aqui montado para não estar parado. Agora se precisarem de mandar alguma coisa, basta fazerem uma chamada para o 344, que foi para esse fim que ele foi aqui montado. O telefone faz-nos um gesto magnificamente bom. Eis um ponto.

Aborrecia e fazia aborrecer, que quando alguém fazia alguma chamada, tínhamos que ir a casa dos nossos vizinhos. Agora felizmente isso não tornará a suceder, pedimos desculpa, e muito agradecido ao senhor Moreira pela gentileza que tinha quando faziam alguma chamada logo punha o telefone à nossa disposição. Sinceramente muito obrigado.

Ao Senhor Carvalho que com os seus incansáveis esforços conseguimos ter um telefone, também os nossos respetos agradecimentos.

Entretanto senhores benfeitores, cá esperamos ansiosamente a outra quinzena, para darmos informações mais exactas da vossa generosidade.

Somos oito confrades e damos mensalmente uma quantia, uns de 2\$50 outros 2\$00 e assim sucessivamente, cada um na medida das suas posses.

A nossa conferência tem por padroeiro S. José, o Santo mais querido por nós, que o presidente escolheu, e que todos os confrades con-

de uma carreira entre Braga e Porto e que transporta de graça os nossos vendedores. A *sarilhada* deve ser qualquer questão em que ela se meteu ou outros a meteram; e o Manel Risonho, pelo seu natural interesse em que ela triunfe, dá-lhe aquele nome o qual é, na sua mente, o superlativo de sarilho. *Sarilhada*.

Sim senhor; respondendo a muita gente, eu digo que o Cete está colocado no Porto, ganha a sua vida e é feliz. Vive em casa de seus tios.

cordaram na sua escolha. Pois bem, que ele nos ajude na nossa Conferência, e que todos os admiradores da nossa Obra também o façam. Sanjoanenses, a nossa conferência vai entrar em contacto com os seus pobres, e esperamos e confiamos em vós, apesar de cá já haver uma conferência feminina. Portanto aqui fica lançado afincadamente este pensamento: — vamos ter na nossa conferência uns grandes benfeitores e uns bons amigos.

Oxalá que assim seja.

JOSÉ MARIA SARAIVA

COIMBRA Mais 20\$00 de um seminarista estudante de Teologia. A nossa Conferência vai progredindo pouco a pouco. O saldo da caixa é de 520\$00. Mas este saldo não é nada à vista daquilo que temos de dar.

A nossa pobre do Bairro das Latas teve há dias o seu sexto filho. O baptizado vai fazer-se no dia 1 de Julho domingo. O padrinho vai ser o nosso confrade e ao mesmo tempo Tesoureiro, José Maria Fernandes. A madrinha é uma senhora noelista. Tem o filho mais velho sem trabalho. Já temos mais uma pobre na Estação Velha com seis filhos.

No dia 16 e 17 houve uma peregrinação a Fátima dos Vicentinos de Portugal. Foram rapazes de todas as nossas casas do Gaiato, deste Lar foram o Alfredo e José Maria. Ainda não tínhamos ido a Fátima mas fomos lá desta vez admirar e ver o lugar onde Nossa Senhora apareceu aos três pastorinhos.

Da nossa cadela a «Coimbra», nasceram seis cachorros. Mas nenhum escapou. Eram tão lindos! Todos nós queríamos que tivesse ficado um ou dois para recordação, mas... fica para a outra vez.

JOSÉ MARIA FERNANDES

MIRANDA DO CORVO No dia 16 de Junho fomos a Fátima ao congresso nacional dos vicentinos. Partimos por volta das oito horas para Coimbra para lá comermos e para levarmos mais dois do Lar. Por volta das nove e meia pusemo-nos a caminho. Tivemos a nossa primeira paragem em Leiria onde visitamos o castelo desta cidade, depois lá demos uma voltita e saímos para a Batalha onde visitamos também o Mosteiro. Saímos, e assim que encontramos um sítio azeitado fomos logo para ali comer. Finalmente em Fátima: chegamos pelas quatro e tal, demos uma volta à Cova da Iria e visitamos a Basílica. Depois fomos até Aljustrel visitar o Ti-Martinho e a sra. Olímpia tiramos uma fotografia com eles e viemos a casa da Lúcia onde vive agora a sra. Maria dos Anjos, sua irmã, compramos lá algumas recordações e depois fomos à Loca onde apareceu o Anjo de Portugal e aos Valinhos onde apareceu também Nossa Senhora. Regressamos à Cova da Iria muito contentes por termos passado e visto os lugares por onde os pastorinhos andaram. Nessa mesma noite assistimos todos à peregrinação e no dia seguinte de manhã. Também cumprimentamos o Senhor Arcebispo Cizico que ficou muito contente. No fim de todas as cerimónias religiosas saímos em direcção a Tomar onde almoçamos. Depois fomos ao Castelo do Bode visitar a admirável barragem. Regressamos muito contentes com a boa viagem que tivemos e pela primeira vez irmos ajoelhar aos pés da Virgem da Fátima. Também por duas vezes nós enfeitamos o nosso carro com rosas cantando sempre pelo caminho. Desejamos que estas concentrações se repitam muitas vezes para aproveitarmos cada vez melhor estas coisas todas que são para nosso bem e para bem dos pobres.

As nossas obras vão um pouco adiantadas foi há dias coberta com telha por cima e já andam a pôr as janelas e as portas. Na casa nova as divisões são só quatro que serão as seguintes: no rés do chão fica uma sala de recreio e por cima fica uma sala de jantar, uma dispensa e um corredor. Agora o que falta é chapar por dentro e por fora, caiar e ladrilhar em volta lá por dentro. Os trabalhadores são quatro dois carpinteiros e dois pedreiros. Agora vamos ver se as obras se acabam o mais depressa possível por que até aqui temos vindo de pouco a pouco.

Houve há dias passagens de classe para a 1.ª e 2.ª classe. O resultado foi bom tendo ficado todos aprovados e dois distintos. Os aprovados foram ao todo 12, oito da primeira e quatro da segunda, que foram os seguintes—1.ª classe; Caím, Enguim, Zé das Bolas, Buião, Zé da Lenha, Manequim, Lisboa e Bucha,—agora da 2.ª; Cão da Rua, Areo, Cá-oiho e Toninho. Agora estão prestes os exames da 3.ª e 4.ª Deus queira que o seu resultado nos seja também agradável.

Fomos nos últimos domingos visitar a pobre da Estação. Ela estava a lavar os filhos para irem à missa. Falámos depois com ela a respeito dum porta que ela esteve para fazer depois de lhe termos comprado a madeira mas que o dono da casa a não deixara fazer. Ela então disse-nos que tinha vergonha de voltar à fábrica para entregar de novo a madeira no fim de já estar paga e que para resolver isso da melhor forma era falar com o sr. Padre Horácio por que se não não me entendo com ninguém.

CARLOS MANUEL TRINDADE

Do que nós necessitamos

Uma coisa que eu hoje venho pedir ós senhores, é o especial obséquio de me colocar em posição de atender o rapaz que me vem dar a notícia dos seus anos; e eles são muitos e todos os dias. Tirante bolas e assobios, tudo o mais eu aceito. Desde já digo que relógios de folheta e canetas douradas são coisas muito apreciadas. De Lourenço Marques e de Angola têm vindo encomendas postais com recados e roupa usada. Mas é roupa! Mais 20\$ de Lisboa da minha filhinha mais nova. Mais do Congo Belga duzentos escudos. Sim senhor; recebemos de uma mulher de Palmela e um homem de Palmela. Tudo vem cá ter. Mais cem das Caldas da Rainha. Mais quarenta de algures. Mais 250\$ do Funchal. Mais 25\$00 para azeite da capela. Mais 20\$ numa empregada dos C. T. T.. Mais do Pessoal dos Serviços Municipalizados de Coimbra 553\$70. Mais 138\$ de uma promessa; é da Guarda. Mais 20\$ de uma promessa. Mais 10\$, dum infeliz pai adotivo que tantos desgostos e ingratidões tem recebido dum rapaz orfão que criou.

Mais esta carta:

Nunca leio o seu jornalzinho que não chore e me ria também; choro por ver que para tanta e tanta miséria no nosso Porto que bem se podia evitar se todos aqueles que tanto estragam em futilidades, dessem um pouco desse tanto.

Meu padre, envio junto a esta 1.000 escudos que são 500\$ para umas telhas das casas dos nossos irmãos pobrezinhos e os outros 500\$ para os nossos irmãos do Barredo.

Fiz anos de casada o mês passado e em lugar de comprar um vestido e uns sapatos, envio esse dinheiro.

Mais 27 pacotes de tudo quanto o mundo cria, retirado do Depósito e acondicionado na caixa do Another qual sardinha em canastra; e do que não coube na caixa encheu-se o espaço dos passageiros. E do que não coube naquele espaço encheu-se o lugar da frente de sorte que, o condutor mais eu, ficamos rodeados de pacotes a pontos de ser difícil e mui perigosa a condução do veículo. Quanto à chegada de tudo, não há palavras... Só uma estação mais potente do que a Emissora Nacional! Mais linho fiado por minha avó. Mais a Maria do Estreito de Castelo Branco. Mais de Braga de alguém cujos olhos adoeceram de tanta lágrima chorada. Quem me dera essa doença! Felizes os que choram! Mais cincoenta de Lisboa. Mais 20\$ de Lousada. Mais um que deseja que a doutrina que v. prega entre no coração de todos e que a Luz que a sua Obra irradia penetre na alma de toda a gente. Mais esta carta com 20\$ dentro:

Para Vossa Reverência ter a bondade de dizer uma missa no dia 12 de Junho por alma do Sr. comendador José de Paiva S. Diniz, data do seu falecimento, mandada dizer por uma orfã a quem ele deu um curso dos C. T. T. e que hoje já é velhinha.

Como eu quisera beijar as mãos desta orfã dos C. T. T. hoje velhinha! E como quisera eu, também, que desde o maior até ao mais pequenino servo daquela

organização, fossem todos de escolha e como tais vivessem, por amor da sua orfã velhinha! Mais cem de Setúbal. Mais cincoenta de Coimbra. Mais cincoenta para o Barredo. Mais cem do Carrascal. Mais 50\$ de Tomar.

Um dia, no nosso colégio apareceu o vosso jornal. Li-o, meditei-o vi que não tinha o direito de viver tão confortavelmente, sem cuidados e necessidades, enquanto por esse Portugal fora irmãos nossos tinham fome e frio.

Ao almoço o assunto na minha mesa versou sobre o Gaiato e logo uma deu a ideia de organizarmos alguma coisa para o ajudar. Acabou a refeição e os nossos projectos foram logo divulgados e todas, especialmente as mais pequeninas, tomaram a peito o empreendimento.

Nesse mesmo dia fomos falar com a nossa directora e pedimos-lhe licença para arranjar uma espécie de mealheiro. Ela louvou a nossa ideia, e num gesto simpático, para nos dar o exemplo, lançou na caixa o primeiro donativo.

E aqui, na nossa varanda de recreio está a caixa tendo escrito em grandes letras O Gaiato a

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

Avizinhava-se o crepúsculo, únicos momentos que me restam para cumprir o dever de vicentino. Tudo apetecia—dia lindo, tarde calma e fresca, ao fundo no horizonte o sol escondia-se e dava a sua vez ao clarão avermelhado. As belezas da Criação só o homem as pode apreciar.

Entrei. Ele estava em casa mastigando um naco de pão endurecido. Mostrou-me como é hábito, riso aberto, a representar a satisfação da sua alma. Também sabe chorar e rir! De quando em vez—por os seus dentes serem incapazes duma perfeita trituração—botava fora as côdeas rijas e eu notava a falta deles. Sentei-me; oferecendo-me o mocho para conversar mais à vontade. Ele gosta e sente necessidade de abrir o seu coração e contar as máguas. É tão humano desabafar. De repente no meio do nosso colóquio veio-me a recordação dos primeiros dias da nossa conferência do Lar do Porto, em concordarmos para nunca se declarar nas reuniões que o pobre está na mesma. Nunca. Há sempre qualquer coisa de especial. Pois bem. Eu continuava no mocho a escutar e a consolar. Ele ainda remoia o pão duro e permanecia sentado numa arca a cair de velha. O casebre sofre do mesmo mal... Mas as casas novas já sorriem e dão alegria aos rostos pela simplicidade e beleza das suas linhas!

Entrou-se no capítulo dificuldades. A sua vida de alquebrado não o pode obrigar a tanto que ultrapasse as suas minguadas forças. Mas ele é forte de espírito! As pessoas assim, vêm nas privações o dedo de Deus. Eu ouvia e cada vez me interessava mais.

Agora ergueu-se e eu levantei-me também e respeitadamente com as mãos no peito ora à sua maneira: *foi Deus que se lembrou de mim.* Podia dizer que fomos nós. Mas não—foi Deus que se lembrou de mim. Perante esta oração tão espontânea humilhei-me—às vezes não somos tão fortes de espírito. Vivemos na lufa-lufa do mundo e acreditamos quase cegamente que ele é o nosso objectivo. Não. Este homem deita por terra o conceito materialista e fala-nos de Deus, o Supremo Senhor de tudo o que existe e existirá.

Meus senhores ajudem-nos. Esta quinzena veio pouca coisa. Nós temos muitos que esperam pela nossa visita, pelos medicamentos que suavizam os seus padecimentos e pela vossa pequenina ajuda. Sem o concurso dos nossos leitores faremos pouco. Não temos subscritores e só neste cantinho se ouve a voz da nossa conferência. Confiamos em Deus. Apenas registamos duma Farmácia já conhecida a oferta de umas ampolas de estreptomina. Não quer que se diga que farmácia, que terra, que nada. Obrigado também pela visita.

J. M.

convidar-nos a ajudar aqueles que de nós precisam.

De vez em quando uma passa e lança a sua esmola.

As pequeninas muitas vezes chegavam-se ao pé de mim e diziam-me: olha vou deitar tanto no Gaiato. Porém, eu não as queria ouvir e disse-lhes que não me interessava quanto punham; tudo ia da intenção. Ensinei-as na medida do possível a praticar a caridade sem reclame. Nosso Senhor disse: que nunca a tua mão esquerda veja o que dá a direita, e, baseando-me nisto é que as ensinei.

A algumas tive que explicar o que era o Gaiato. Meninas criadas com todo o carinho e bem-estar nunca pensaram naqueles que necessitam delas. Em parte também fui uma dessas. Meu pai dá muito aos pobres e pensei que por isso estava dispensada desta obrigação.

Porém, vejo que a verdadeira esmola é aquela que nos faz privar dum prazer, de qualquer coisa que por muito pequena nos traga felicidade.

Se toda a gente tivesse espírito de abnegação e sacrifício não haveria homens habitando em furnas como eu vi muitas vezes em Lisboa, como verdadeiros animais, ao passo que a poucos metros de distância há prédios luxuosos em que eu e outros felizes habitamos.

Porque não havemos nós de dar o supérfluo a todos aqueles que na vida não têm um pouco de conforto nem alegria de viver?

Porque não havemos nós, as raparigas católicas, levar um pouco de esperança e alegria a esses lares onde reina a desolação e a descrença?

Nós somos muito comodistas; para quê incomodarmo-nos com pessoas sujas e sem educação? Quase sempre esquecemos que são nossos irmãos e que têm direito à vida.

Porém o seu jornalzinho veio-nos lembrar que tudo isto nós queremos ignorar. E, aqui estamos prontas a entrar com toda a coragem, paciência e espírito de sacrifício numa cruzada para a conquista dum futuro melhor para os pobres e sofredores.

Este donativo que lhe enviamos é a primeira prova palpável desta obra. Espero que durante muitos anos enquanto este colégio existir haja algum dinheiro para lançar na caixa do Gaiato.

A vida continua na sua marcha; muitas de nós para o ano saímos daqui, vamos para caminhos diferentes em busca duma finalidade para a nossa vida.

Porém, a semente pequenina que o vosso jornal lança nas nossas almas germinará, e por todo o Portugal onde chegar uma rapariga estudante do C. N. A., a obra será conhecida.

Bendita ela por dar o conforto e bem estar aos miseráveis e a resignação aos corações desesperados.

O nosso director Sr. Dr. Raul Lopes também, aderindo à nossa obra, pede que lhe mandem o jornal.

PROPAGAI

«O GAIATO»

Angariando novos assinantes



Na madrugada do dia 27 de Junho, morreu-nos o José Ferreira de Pinho, de 20 anos de idade. Era o Zé da cozinha, irmão do Chico das pombas e do Carlitos das casas. Foi um cancro nos pulmões. Teve uma agonia de mais de três dias da qual todos nós participamos. Não se saberia como nem aonde ele teria morrido, se não fosse nosso, pois que ele não tem ninguém; assim, teve tudo, tudo, tudo. E nós temos agora mais uma luz acesa...!

O Nosso Livro

Estamos ocupados com o segundo volume, o qual já vai na segunda folha, esperando-nos, antes do fim do ano, proceder à sua distribuição. A matéria deste segundo volume é a continuação do primeiro. Trata dos sarilhos e outros episódios de que a nossa casa é feita. Em livros consecutivos daremos páginas de Doutrina e de Notas da Quinzena e do mais que tem mexido e remexido consciências e estômagos, através da sua leitura. Avelino, que fala muito pouco e diz sempre muito, comentando a poeira que o nosso jornal faz, vira-se para mim e sai-se com esta: *se o Gaiato faz tantas agora, que anda na primeira classe, que fará quando ele crescer?!*

Seja como for, anda no prelo o segundo volume. Uma coisa que me faz andar triste mesmo muito triste, é a notícia que o Piolho acaba de me dar. Ele entrou no meu escritório com o resumo da venda do primeiro volume donde consta que 672 senhores ou senhoras ainda se não explicaram. A minha tristeza, porém, não é de maneira nenhuma por causa da suposta falta daqueles senhores ou daquelas senhoras. Eu sei que, se ainda o não fizeram, a seu tempo hão-de mandar. Ou por vales de correio ou por cheque ou em mão; de qualquer forma que seja, o dinheiro cá vem ter. Não é por isso que eu ando triste. O meu estado de espírito tem outra origem. É o Piolho. E' por ele que eu assim ando. Piolho, ao sair do meu escritório, disse-me que ia pegar em 672 postais e neles pedir as coroas aos faltosos. Ora a julgar por antecedentes, eu sei que se vai provar, que na maior parte dos casos, Piolho está em falta. E' ele. Ele recebe e não dá baixa. Piolho vai ficar mal. Piolho vai ser tosqueado, pensando que vai buscar lá. Ando triste por causa do Piolho.

BARREDO

Continuação da 2.ª página

vimos, tornou a repetir. Eu respitei o desabafo sem nada acrescentar. O rapaz toma a palavra para me dizer que tem lido em revistas e em jornais que lá fora, noutras nações, andam Agentes de Saúde a procurar; e onde quer que encontrem doentes assim, não esperam que eles peçam; fazem-nos conduzir aos sanatórios. E Avelino, ali na rua de S. João, quer que eu o desengane. Ora estes pontos são muitos difíceis de responder.